

AUGUSTO MARTINS & PAULO PAULEIRA MALAGUTI **Álbum “Como canções e epidemias”**

Voz e piano debruçados nas minúcias de uma obra soberba

Um universo num homem só _ Aldir Blanc.

Essa (con)versão de escopo gigante num projeto pautado pelo “minimalismo”, se encorpa já em agosto no estúdio para ganhar visibilidade de cena, ao vivo, todos mentalizamos, até o final desse ano.

Nesse vasto ambiente, os parceiros em música há 25 anos, Augusto Martins (voz) e Paulinho Pauleira Malagutti (piano), resolveram delimitar mais uma vez suas fronteiras de afinidade também estética.

A dupla iniciou essa tabela há dois anos com “Piano, voz e Jobim”. Apenas os timbres de um e os toque do outro.

Agora a pulsão se volta ao compositor de hinos como “O bêbado e a equilibrista” (essa com João Bosco).

E a seguir, mais uma vez, do estúdio para o palco.

O CD que parte da música “Altos e baixos”, e deve vasculhar algo em torno de 13 composições, ganha uma versão mais turbinada para as luzes da boca-de-cena.

A obra “blanc & noir” de um compositor que sempre tornou o tempo presente em algo a beirar o prosaico, já que em Muda permanente, é matéria-prima de reinvenção. E neste espetáculo será decupado por ébano e marfim colados por voz.

No repertório do álbum, peças de menor exposição midiática qual “Vale à pena ouvir de novo” (com Sombra) e uma outra pepita do também genial Guinga, “Odalisca”, além de parcerias com João Bosco tais como “Caça à raposa” e “O rancho da goiabada” um capítulo autoral, à parte, na Literatura Musical Brasileira.

No lugar das teclas, a voz de Paulinho Pauleira:

“Mais uma vez o Augusto Martins me convoca para tarefa hercúlea de traduzir para um mínimo de notas a imensidão dessas canções. Assim como Tom, o Aldir me exige tudo que tenho no coração de músico brasileiro, mergulhar nessa obra é uma festa que qualquer carioca gostaria de ser convidado. Letra e música no melhor dos mundos entre a zona sul e a zona norte da nossa cidade”.

A Tijuca, enclave do outro lado do Túnel Rebouças, bairro que mais se assemelha à grande área em torno do Estádio do Maracanã, é o lugar de fala donde o bardo versou ruas, cidades e almas também de CEPs desconhecidos _ moradia desde sempre de Augusto Martins.

Essa vizinhança é mais que simbólica para o cantor:

“O desafio minimalista piano e voz, esse formato, essa nudez, é tudo verdade lá na “frieza” do estúdio. Não há truque, principalmente e mais ainda no palco. Gostaria que na dobradinha da penumbra sob a proteção da mesa de gravação e o à vera das luzes ao vivo, alguém que nunca ouviu Aldir pudesse saber quem ele foi e entender sua grandeza e originalidade acachapantes. Que honra ter sido vizinho de quarteirões dessa personalidade singular. Por isso, não encaro esse trabalho como um desafio. É um impulso, uma necessidade!!! Sair da pandemia que o levou com uma resposta, um desagravo, algo realmente significativo”.

Braulio Neto